

VIA LACTEA – UMA ESPECULAÇÃO COSMOPOÉTICA

Cecilia Cavalieri¹

[& vacas, cabras, ovelhas, monika, karoline, entre outras fêmeas]

Resumo

Este artigo faz uma costura indisciplinar em torno da noção de leite como língua por meio dos corpos de leite que nutrem a vida contemporânea partindo de uma observação doméstica: quanto mais minha filha fala, menos ela mama. Amamentar é uma questão cosmopolítica do feminismo multiespecífico, pensar-com as línguas não-negociadas com outras mamíferas e seus sistemas de subalternização humana e não-humana.

Palavras-chave: leite, via láctea, mamíferas, língua

Abstract

This article makes an undisciplinatory seam around the notion of milk as language through the bodies of milk that nourish contemporary life starting from a domestic observation: the more my daughter talks, the less she nurses. Breastfeeding is a cosmopolitical question of multispecies feminism, to think-with non-negotiated languages with other mammals and their systems of human and non-human subalternization.

Keywords: milk, milky way, mammalian, tongue

¹ Artista visual e pesquisadora, cosmotransfeminista, antihumanista e mãe suficientemente boa. Mestra em Artes Visuais [PPGArtes / UERJ] e doutoranda em em Linguagens Visuais [PPGAV / UFRJ] com estágio doutoral no laboratório de Sociologia e Filosofia Política da Université Paris-Nanterre [Sophiapol]. A prática contrafilosófica e especulativa é ponto de partida para vídeos, esculturas, textos, instalações e dispositivos contracoloniais de discurso filosófico que relacionam arte, natureza, economia/ecologia, maternidade e animalidade. A pesquisa recente propõe exercícios inter/multiespecíficos de especulação e de fabulação cosmopoética com outras fêmeas e com espíritos de animais extintos em diálogo crítico com os processos de subalternização desses e de outros corpos no Faloceno, como a série em torno da coisa leite-língua no território espelhado da Via Lactea. www.ceciliacavalieri.com.br

E o leite materno, que é humano, o leite materno é muito antes do humano, e não tem gosto, não é nada, eu já experimentei - é como olho esculpido de estátua que é vazio e não tem expressão, pois quando a arte é boa é porque tocou no inexpressivo, a pior arte é a expressiva, aquela que transgride o pedaço de ferro e o pedaço de vidro, e o sorriso, e o grito. (Clarice Lispector, Paixão Segundo GH)

Toda mulher-mãe que amamenta sabe o quanto de cérebro se esvai junto com o leite. A descida do leite é essa descida obrigatória e inexorável à altura do corpo. O espaço mental é amplamente ocupado com os dramas da maternidade; mal cabe um golpe de ar. De uma hora pra outra a mulher tornada mãe pode se ver transformada em uma especialista neonatal mestra em puericultura. Olhar para a matéria e, aqui, para a matéria leite, e perceber tudo o que ela contém e tudo o que sai dela, sua relação com os corpos que a constituem e que ela mesma constitui enquanto coisa, como se comporta no espaço, no tempo e de quais fatores depende a sua existência física, política, metafísica e cosmopolítica, era, para além de uma viagem sem volta assim como a própria maternidade, uma experiência entre o científico, o poético, o empírico e o mágico.

Esse corpo pensa, esse corpo pensa com outros corpos. E é esse o trabalho de arte que proponho, o de pensar pelo corpo e não somente por ele, mas com ele, com esse corpo com útero ou de mulher, de mãe, de fêmea, de bruxa, de criança, que se transforma em corpo de leite. Então partindo da observação do fenômeno leite² - e a partir desse ponto do texto não mais utilizarei a expressão leite materno, pois assumamos que todo leite é leite materno³ - sob as condições não tão controladas dessa experiência, vamos testar filosófica, artística e empiricamente duas hipóteses:

- A primeira de que leite é língua/linguagem, dada a troca do líquido pela palavra no processo de iniciação da fala do bebê;

² Aqui a palavra fenômeno é tão somente usada para falar de acontecimento, fenômeno tal qual fenômeno natural, não aderindo a nenhuma concepção fenomenológica. É o fenômeno leite e não leite como fenômeno.

³ Leite vegetal não é leite. Leite vegetal é uma bebida de aspecto leitoso pensada para consumo humano e, mais recentemente, para humanos que apresentam intolerância à lactose (açúcar do leite) e APLV (alergia às proteínas do leite de vaca) preparado à base de água misturada a castanhas (amêndoas, caju, macadâmia, avelã...), frutos (coco, banana...), raízes (inhame...), grãos (soja...), farelos (aveia...) ou sementes (melão...).

- A segunda de que as alergias às proteínas do leite de vaca, APLV,⁴ seria uma mensagem das vacas escravizadas e/ou um erro de tradução.

Via Lactea – uma especulação cosmopoética é uma investigação indisciplinar em torno da noção de leite como língua e com processos que atravessam a ecologia/economia dos corpos de leite que nutrem a vida contemporânea partindo de uma observação doméstica: quanto mais minha filha fala, menos ela mama; o leite é sua relação mililítrica com o mundo; o leite materno é uma língua, é a língua-mãe. Trata-se de uma pesquisa experimental [constelações teóricas, imagéticas, escultóricas e sonoras] em torno da amamentação e do leite: não apenas sobre a relação mãe-filho mas, no Faloceno⁵ – em meio aos colapsos moderno, climático... - uma questão cosmopolítica⁶ do feminismo multiespecífico⁷ que pensa as línguas não-negociadas com outras mamíferas e os sistemas de escravização e subalternização humana e não-humana envolvidos na amamentação prolongada e interespecífica⁸.

Nesse contexto resolvi me aliançar com essas fêmeas e com seus leites, o porquê desse leite ser tão presente no ocidente e quais as consequências – para humanos e não-humanos – desse cenário de *lactation*. As primeiras gotas de leite nascem com o bebê, a composição do leite é transformada durante o seu crescimento e seu desenvolvimento, os anticorpos

⁴ Comumente confundida com intolerância à lactose, a APLV (alergia às proteínas do leite de vaca) é um conjunto de respostas do sistema imunológico humano às mais de 20 proteínas presentes no leite das vacas e bezerras, em especial à caseína. Os sintomas podem variar desde erupção cutânea, urticária, inchaços, até complicações no sistema respiratório e digestivo, como refluxo e diarreias com presença de sangue. As principais proteínas implicadas na resposta alérgica humana são as caseínas e as proteínas do soro. A intolerância à lactose, por sua vez, é uma reação gastrointestinal mais leve, porém incômoda, à lactose, que vem a ser o açúcar presente no leite.

⁵ Faloceno é um termo que uso para citar de modo mais apropriado o tão em voga Antropoceno. 1784, ano do projeto catapultador da revolução industrial, o do motor a vapor de James Watt, engenheiro que procurava uma maneira de aumentar a eficiência do motor (*produzir trabalho* e minimizar os custos com o carvão utilizado como combustível), enfim, é o exato ano sugerido por Paul Crutzen e Eugène Stoermer para ser o início do Antropoceno: uma nova era geológica que põe fim ao Holoceno e na qual o maior agente transformador do planeta terra é o homem. Neste caso, dado que 1784 também é o ano em que Kant é iluminado por *certas* ideias e publica a “resposta à pergunta ‘o que é o iluminismo?’”, manifesto em que define o programa político moderno do uso público da razão livre e autônoma, a liberdade de expressão, a estruturação da consciência moderna, a conquista do mundo e da natureza pelo homem e também mesmo ano em que Marquês de Sade é transferido para a Bastilha, onde concluirá a sua obra magna, *os 120 dias de sodomia*, estabelecendo o paradigma da literatura e da arte moderna: “o direito de dizer tudo” (*a filosofia na alcova*), eu opto pelo Faloceno, que conversa mais com a aproximação de Donna Haraway: Capitaloceno. *Liberdade, trabalho e autonomia* são conceitos problemáticos que sustentam tanto o Antropoceno quanto catapultam o projeto neoliberal no capitalismo pós-industrial. O que seriam esses conceitos senão um gesto masculino, patriarcal e falocêntrico diante do mundo?

⁶ STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/145663/139603/>

⁷ Por multiespecífico entende-se referente a múltiplas espécies.

⁸ Por interespecífico entende-se referente a relações entre diferentes espécies. Por amamentação prolongada interespecífica quero dizer o consumo humano de leites de outras mamíferas que não humanas.

são gerados a partir da comunicação entre a saliva e o mamilo. Doe 30 litros de leite ao banco de leite; quantas vidas foram tornadas possíveis a partir desse leite negociado? O que é esse leite e todas as coisas que vêm dele? Nesse sentido, especular cosmopoliticamente uma aliança entre corpos fêmeas lactantes é um pensar-com e como, um fazer-com e como, e, como diria a filósofa Juliana Fausto em sua *Cosmopolítica dos Animais* (2017), é “co-constituir mundos conjuntamente, por entrelaçamentos situados; é dar voz a quem historicamente não a teve e examinar os próprios olhos; é cosmopolítica; é um tipo de feitiçaria cósmica que, ao transformar locais de habitação, visa transformar modos de habitar; é arriscar-se em arranjos provisórios; é compreender que tudo isso pode ainda falhar e começar de novo”.

Como? Este experimento também me pergunta, assim como se pergunta a teórica-doméstica Mariana Pimentel, “o que fazer? [diante da impossibilidade de conciliar trabalho intelectual e trabalho reprodutivo] Decido, portanto, assumir esse corpo-troncho, estranho, alheio que é a teórica-doméstica e fazer dele um dispositivo contra-pedagógico por meio do qual experimento uma outra oikonomia⁹ da produção teórico-acadêmica, outras formas de relação professor-estudante, professor-pesquisa, pesquisador-objeto no interior da própria instituição. Forçando-a de dentro a se “feminilizar”, desnaturalizando esse corpo masculino que somos levados a desejar e performar como única possibilidade de prática acadêmica”.¹⁰

Qual é o limite de um corpo colonizado? Até que ponto um corpo não humano e um corpo feminino são colonizados? Por que a *via láctea* de uns é a *via crucis* de outros? Qual é a língua da indústria de laticínios? Quantas máquinas medem a fome de um bezerro e a de um homem adulto e desmamado que mama mais do que um bebê recém-nascido? Quantos litros de pus entram todos os dias na barriga dos filhos do Antropoceno? O vertiginoso aumento das alergias às proteínas do leite seria uma mensagem das vacas escravizadas? Um erro de tradução? Nossa linguagem é uma derivação do leite, nossas experiências ainda dependem da economia do leite e do limite indistinguível entre corpos leitosos desde nosso nascimento; todas as línguas são línguas derivadas do primeiro leite; o leite é a primeira língua e matriz de todas as outras. Nesse contexto como não fazer um

⁹ Aqui, para Pimentel, o termo é emprestado de Foucault quando fala da oikonomia grega. Ela o recupera para dizer que a noção de casa/oikos está na base da economia e que, o Estado, na biopolítica ao governar os corpos, governa a vida na casa, tira a autonomia das mulheres e, conseqüentemente, rompe os laços comunitários.

¹⁰ PIMENTEL, Mariana. O trabalho doméstico como trabalho de arte. Revista Teteia. Internet, 2020: <https://teteia.org/post/617937207529013248/o-trabalho-dom%C3%A9stico-como-trabalho-de-arte>

paralelo entre a economia do leite na terra e a formação leitosa do céu ocidental?

Um céu feito de leite, mas apenas para uns

São muitos os mitos de origem que coabitam a história do céu que nos guia e cujas constelações estelares compõem aquilo que chamamos de Via Láctea¹¹, do grego, caminho de leite: um aglomerado de centenas de bilhões de estrelas com um buraco negro no meio e cuja idade aproximada é de 13 bilhões de anos. Mas esse céu é um céu específico a depender da posição geográfica do observador e da maneira como ele o observa. Algumas das principais constelações que compõem a Via Láctea são Andrômeda, Ursa Maior, Ursa Menor, Cão Maior, Cão Menor, Pégaso, Fênix, Constelação de Órion e Cruzeiro do Sul, que vem a ser a mais importante do hemisfério sul e não pode ser vista do hemisfério norte. As Guias do Cruzeiro do Sul (alfa e beta do Centauro) são chamadas Yawat ìwakakape, literalmente “caminho do céu”¹² pelos ameríndios Kamayurá. A Via Láctea é chamada de Caminho da Anta (Tapi’i rapé, em guarani) pela maioria das etnias indígenas brasileiras, devido principalmente às constelações representando uma Anta (Tapi’i, em guarani) que nela se localizam¹³ Em algumas mitologias asiáticas ela é chamada Tianhe, um rio celeste, ou mesmo Tengshe, uma cobra aquática e Tianchuan, um barco navegando no rio. Na Polinésia, no Taiti, elas são peixes nadando em uma enseada. Para os Maori, ela é waka: uma canoa bem ancorada. Aborígenes da Austrália vêem na Via Láctea um rio com moradias que se estendem por seu leito e a chamam de Wodliparri (wodli = cabana, parri = rio). Algumas narrativas indígenas norte-americanas a tem como “o caminho dos mortos”; as estrelas são as fogueiras acesas durante a viagem. São inúmeras as interpretações mitológicas da galáxia, notavelmente quase sempre considerada um rio ou caminho: "Rio" dos árabes, "Rio da Luz" dos hebreus, "Rio Celestial" dos chineses, "Cama do Ganges" na tradição sânscrita.¹⁴ Para alguns povos inuit a faixa brilhante forma o "caminho das cinzas". Em culturas africanas ela vem da história de uma menina que marcou seu caminho para que seu povo pudesse encontrá-la. Para os cheyennes a Via Láctea é o rastro de poeira deixado pela corrida entre o búfalo e o cavalo.¹⁵ Alguns turcos conheciam a galáxia como *Hadjiler Juli* ou "estrada dos peregrinos".

¹¹ Gregersen, Erik (editor) (2010). *The Milky Way and beyond*. Stars, nebulae and other galaxies.

¹² AGOSTINHO, Pedro. **Mitos e outras narrativas Kamayura**.

¹³ AFONSO, G. B. **As constelações indígenas brasileiras**.

¹⁴ ZUCKER, Arnaud. L'encyclopédie du ciel: Mythologie, astronomie, astrologie.

¹⁵ WITTENBERG, William John. *Myths and Fancies of the Milky Way*.

Mas nenhum desses mitos de criação do céu fala de leite como a mitologia grega que a nomeia e a faz espalhar por todo o ocidente. O caminho de leite da galáxia, do grego “gala”, “galaktos”, leite, foi criado por um jato de leite saído do peito de Hera, madrasta de Hércules com o peito cheio de leite, mas que se recusara a alimentá-lo. Uma noite, enquanto dormia, Hera foi surpreendida com bebê Hércules levado ao seu seio por Zeus. Ao dar-se conta, Hera puxa o peito de Hércules e dele sai um jorro de leite que se espalha no céu. Daí o nome Via Láctea. Existem pequenas variações nessa história que herdamos, mas o caminho de leite no céu é o mesmo.

Especulação cosmopoética ou cosmopoema especulativo

Em junho de 2019, cabra, vaca, ovelha, monika e eu fomos agentes de um experimento laboratorial no qual os leites destas fêmeas foram observados durante 21 dias e fotografados a cada 7 minutos. Ao todo foram cerca de 6mil fotografias e, com esse material montamos, Luisa Marques e eu, um timelapse¹⁶ mostrando o comportamento desses leites distendidos no tempo e no espaço. Para a composição sonora, feita em parceria com Orlando Scarpa Neto, gravamos e manipulamos leites de diferentes densidades [karoline, vaca, cabra e ovelha] com hidrofones, em um laboratório improvisado na cozinha de Orlando.

Durante essa janela, a urgência dos leites foi se mostrando nos copos, se solidificando, atraindo insetos e fazendo com que aquela experimentação se tornasse, talvez, inócua. No entanto, como resultado apresentado, a única verdade científica ali era política: a única certeza que eu tinha em relação àquele material, àquela matéria, é de que apenas o leite de monika tinha sido negociado e que esse leite, na verdade de monika e leo, que na época tinha 6 meses, vinha das tetas de monika e tão somente delas. Cabra, vaca, ovelha: sujeitas anônimas lactantes e cujos leites também sem nome me foram vendidos por um mercadinho orgânico qualquer; leites misturados de fêmeas de cada espécie, cada uma em seu pacote, processados e ajuntados por um maquinário do sistema laticida que muito provavelmente não os negociou com humanos e humanas como eu. Cabra, vaca e ovelha não tinham um rosto nem um nome próprio. Por isso escolhi grafar monika com m minúsculo e ocultar seu sobrenome e sua história, dessubjetivando em alguma medida seu leite e o colocando em uma conversa estranha com os leites das outras fêmeas anônimas, invisíveis e invisibilizadas.

¹⁶ <https://vimeo.com/370704714>



ovelha, vaca, cabra, monika; testes, 2019



Via lactea - uma especulação cosmopoética, 2019. Vídeo, 3'33".

Em texto leitoso sobre as imagens do timelapse, o vídeo diz:

*em um laboratório de especulação científico-poética
durante 3 semanas de observação
vivi ao lado de quatro línguas
maternas
observei a decantação
a transformação
a decomposição
a degeneração
a disposição
dessas línguas no tempo
outrora
durante 30 meses de experiência leitosa e doméstica
na qual nutri minha filha
um corpo de filha
percebi que quanto mais ela falava menos ela mamava
o leite era sua primeira língua
a língua materna
as primeiras gotas de leite nascem com o bebê
a composição do leite se transforma com o bebê
os anticorpos são gerados a partir da comunicação
entre saliva & mamilo
estudos de imunologia clínica revelam que
uma vez que o bebê cai doente
o número de leucócitos aumenta no leite de sua mãe
há épocas em que o bebê precisa mais de açúcares
há épocas em que o bebê precisa mais de gorduras
há épocas em que o bebê precisa mais de proteínas
o leite as envia sob medida
nossa língua é uma derivação do leite
o leite é vivo
durante 3 semanas
em um laboratório de especulação científico-poética*

*vivi ao lado de quatro leites
maternos
ovelha - vaca - cabra - monika
vi que nenhum leite é branco
eles são todos uma variação de amarelo
vi que o leite de ovelha é mais gordo
vi que as moscas preferem a cabra
vi que o leite de vaca se tornou menos sólido que os outros
vi que o leite de monika produziu bolhinhas de ar
vi o nascimento de quatro luas
com padrões e desenhos diferentes
certa vez amamentei uma gata
ina era uma adulta e desprezou o leite que derramei em sua tijela
corpos celestes são corpos com tetas
a via láctea de uns é a via crucis de outros
há galões de pus nos ventres das crianças desmamadas do antropoceno
as vacas já enviaram uma mensagem cifrada*

A especulação de que leite e língua teriam uma relação intrínseca ao mamífero ganhava tentáculos cada vez mais densos e extensos quando, ao observar o apodrecimento gradual dessas matérias fora de seu contexto “natural”, ou sua transformação em outras matérias que apenas leite, observei a perda de suas funções fisiológicas específicas e sua morte gradual, ou seja, que leite é uma substância viva nós já sabemos mas, aqui, confirmamos: assim o é também a língua. Tanto leite quanto língua são menos fruto de uma transmissão vertical hierárquica de lactante para lactente, de falador para ouvidor, quanto mais um produzir-com ou produzir-se-com; muito menos uma herança transmitida, como quer Luciana di Leone [2018]:¹⁷ “Como no caso da amamentação, a linguagem infantil, glossolálica, ecolálica, parece desenhar uma economia da sensação, do sensível que altera uma ideia de sucessão, de herança, verticalizada”, e muito mais o estabelecimento de um pacto comunicacional cúmplice. Esse terreno desconhecido para a pesquisadora-idiota vai tomando contornos de trabalho científico à medida em que leite e língua vão performando gestos semelhantes no mundo mamífero.

¹⁷ DI LEONE, Luciana. A poesia latino-americana: por uma poética do corpo grávido e da língua láctea.



ovelha, vaca, cabra, monika: língua-mãe disponível no tempo de 30 dias. Testes, 2019

Matéria e antimatéria: língua

Toda a história do pensamento em torno da língua e da linguagem, o pensamento linguístico por excelência, foi concebido a partir e dentro do contexto da famosa metafísica ocidental que atravessa os séculos diferenciando o homem do animal pela presença de linguagem no primeiro, afinal, linguagem seria uma faculdade considerada ligada de modo umbilical ao de razão. Na história da filosofia ambas (linguagem & razão) foram majoritariamente negadas aos animais, apesar de haver algumas dissensões (cf. Montaigne, Apologia de Raymond Sebeok, Ensaios). Partindo desse lugar é extremamente desafiadora a tarefa de falar de leite como língua sendo que, por princípio, língua e linguagem são conceitos-chave do projeto humanista de mundo conforme sistematizado pela linguística e que excluem outros que humanos de suas formulações teóricas. No entanto o mundo viu nascer, em 1963, o campo da Zoosemiótica¹⁸, por meio do qual

¹⁸ Zoosemiótica é um campo de investigação introduzido em 1963 por Thomas Albert Sebeok. Esse é o ano em que o termo e uma primeira definição fazem sua primeira aparição, inicialmente como um compromisso entre pesquisa etológica e semiótica (no início, Sebeok estava convencido de que "zoosemiótica" tinha que ser entendida principalmente como um termo guarda-chuva, reunindo diferentes abordagens eruditas da comunicação animal). Uma definição sintética de zoosemiótica, à luz de seus desenvolvimentos mais recentes, pode ser hoje a do estudo da semiose dentro e através das espécies animais.

muitos etólogos se debruçaram sobre esta questão e desmontaram as teses humanistas em inúmeros experimentos com animais por meio de evidências científicas na segunda metade do século 20. É o caso, por exemplo, da psicóloga animal Francine Patterson, que ensinou uma versão da linguagem de sinais para a gorila Koko, com a qual se comunicou até a sua morte [da gorila], em 2018, batizando o método de “Gorila Sign Language”. Mas no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 vários teóricos, como por exemplo Noam Chomsky, foram reativos à ideia de que animais também teriam linguagem e também operariam no campo da razão. Essa questão continua a ser matéria de polêmica: “linguagem animal” é muito trabalhada dentro de estudos que procuram provar se os animais têm uma teoria da mente. Frans de Waal¹⁹, por exemplo, defende que há evidências o suficiente para provar que existe pensamento animal mas não linguagem, uma noção que tem por consequência desfazer o laço entre pensamento e linguagem.

A partir dessas observações e do próprio percurso da história não podemos negar que, o que se apresenta como problema ou impasse, é que, na verdade, a questão não está em atestar ou definir que animais têm ou não linguagem, mas que as definições de linguagem construídas no seio da filosofia humanista e ainda gestadas sob esse parâmetro, não dão conta da experiência comunicacional outra que humana e, muito provavelmente, sequer da humana mesma.

Para pensar o leite como língua é preciso tangenciar esse lugar do que é língua e linguagem e propor uma nova experiência de troca informacional. Tecnicamente o leite, em sua dinâmica específica, ou seja, no interior da experiência da espécie, se aproxima da formulação saussuriana²⁰ de que 1) “A língua se define como um código, entendendo-se com isso a correspondência entre ‘imagens’ e ‘conceitos’”; mas escapa quando Saussure arremata dizendo que 2) “A língua é uma pura passividade. Sua posse coloca em ação as únicas faculdades ‘receptivas’ do espírito, antes de tudo à memória e que toda atividade ligada à linguagem pertence à fala”.

Tangenciar, sim, a noção de língua e linguagem para falar de leite como língua-mãe é, também, reconhecer que nesse microcosmo de troca informacional - onde saliva e glândula se comunicam para produzir uma substância sob medida - não há nem passividade nem hierarquia. De certo modo essa cena, esse recorte, o que está nessa moldura nos diz, de modo muito transparente que a expressão do leite é simpática²¹, no

¹⁹ DE WAAL, Frans. 2016. Are We Smart Enough to Know How Smart Animals Are? London: Norton.

²⁰ Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. Todorov, T; Ducrot, O. Ed. Perspectiva, 1998.

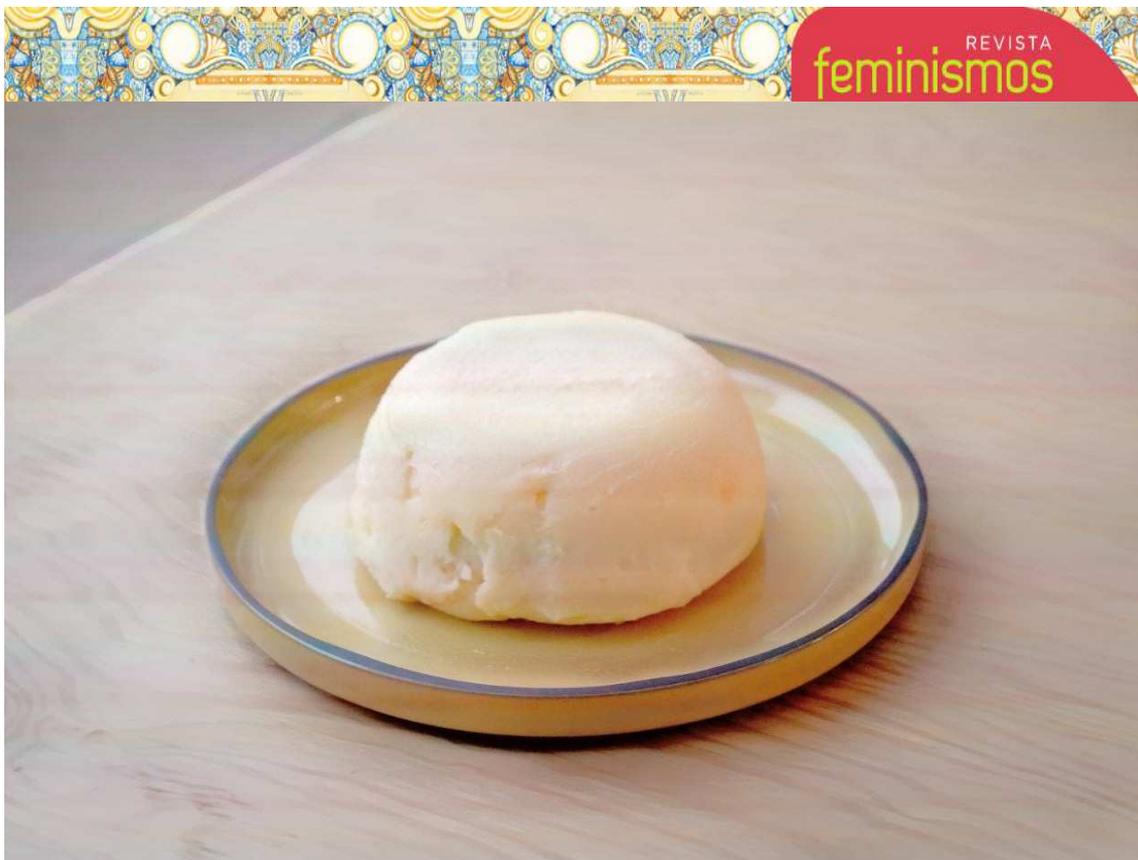
²¹ A simpatia é uma instância do *Mesmo* tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de *assimilar*, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de

sentido do jogo das simpatias de Foucault, à “outra oikonomia” pensada e proposta por Mariana Pimentel, também a partir de Foucault mas transformando por dentro o modelo moderno de comunidade, recompondo os laços comunitários que foram rompidos pelo modelo biopolítico da governança da vida e dos corpos.

Aqui, pensar o leite como língua, como língua-mãe, é também entender que ao parar e olhar para a dinâmica do leite, nessa pausa forçada do corpo que amamenta, o estalo do tempo descompassado consegue descortinar que nessa matéria leite está contida toda uma dinâmica comunitária entre bactérias, vírus, anticorpos, açúcares, gorduras e proteínas que são simpáticas à própria vida se pensada fora da noção de trabalho, de liberdade e de autonomia. Não existe autonomia nem na dinâmica da língua-láctea²², nem na experiência da vida ela mesma: somos todos dependentes uns dos outros em certa medida. Alexandre Nodari explica que, “a língua (linguagem) não é algo de que dispomos, mas algo que dispõe de nós; a língua, exterioridade que nos constitui, não é a casa do ser, mas o abrigo de todos os errantes nesse planeta errante - hospitalidade cósmica”. Aproximar, nesta tese, a noção de língua/linguagem da matéria leite é também pensar nessa relação matriarcal cúmplice.

misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade - de torná-las, pois, estranhas ao que eram. A simpatia transforma. Altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do Mesmo: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único ímã. cf FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. p33.

²² A expressão vem de uma co-contaminação com a pesquisa de Luciana di Leone a partir de uma mesa na Abralic de 2016, na qual Luciana apresentou “A economia do leite: corpo, nutrição, linguagem em alguns poemas na Argentina”, onde Luciana usaria a expressão “fala láctea” a partir de uma citação de Roland Barthes em “O prazer do texto”, que diz: “esses fonemas lácteos que o jesuíta maravilhoso Van Ginneken, colocava entre a escrita e a linguagem”, o que Barthes definiria como “movimentos de uma sucção sem objeto”. Em 2018 a apresentação de Luciana de transformaria no texto “A poesia latino-americana: por uma poética do corpo grávido e da língua láctea” [Poesia contemporânea: reconfigurações do sensível]. A mesma expressão foi usada por Tida Carvalho no zine Barkaça 6 [pg 5, 2009], por Robert Marteau [no poema Le pain, le vin; Fragments de France, Ed. Champ Vallon, Seyssel: 1990] e algumas outras escritoras, como menciona Cecilia, Marina Tsvetaeva (03 de maio de 1934), em poema chamado Saudade: “Saudade!... De minha própria língua-láctea, vou tresmalhar via e caminho, pois conta pouco em que idioma não vai compreender-me um Zinho...”



Conversa em Conserva, 2019. Queijo feito de leites de cabra, vaca, ovelha e monika.

Conversa em conserva é uma mussarela feita a partir dos mesmos leites que fizeram parte do vídeo em timelapse mencionado anteriormente. Esse objeto, efêmero por excelência e cuja existência compostada já se encontra em outra dimensão orgânica, é um experimento alimentar pensado a partir dessa noção de leite como língua: como se comportariam, juntos, em forma de queijo, todos esses leites encontrados e misturados como se estivessem em uma conversa? É sabido que a primeira forma de conservação do leite foi sua forma queijo. A partir daí técnicas de aperfeiçoamento de conservação e de gourmetização do alimento se tornaram não somente uma maneira de conservá-lo, mas também de experimentá-lo em outros estados-limite de conservação que confeririam sabores e texturas diferenciados e complexos.

Específico mas também multiespecífico

Todo leite é específico, ou seja, é feito sob medida para o filhote mamífero daquela espécie. E quando falamos da especificidade do leite, falamos que a quantidade de gorduras, açúcares, sais minerais e proteínas presentes nessa substância é regulada pela necessidade e pelo tipo específico de cada filhote. O leite da baleia, por exemplo, não tem em sua composição os nutrientes necessários para o filhote da onça, nem o leite da cadela contém em sua formulação os nutrientes de que precisa o filhote de leoa-marinha. No

entanto, apesar de ser específico no sentido de ser inerente à espécie, o leite também é multiespecífico em sua composição, ou seja, ele é composto não apenas por seus cinco componentes principais: água, gorduras, proteínas, carboidratos e cinzas ou minerais, mas ele também é veículo de bactérias e vírus, ou seja, leite é onde podem habitar outras espécies tanto no trato lactante-lactente, quanto na sua forma morta fora do corpo.



Minimundinhos, leitários, ou específico e multiespecífico, julho de 2019 - presente. Experimentos de janela.

O experimento da imagem acima mostra um outro momento dos mesmos leites do timelapse e dos mesmos leites do queijo: os quatro copos de vidro com os leites de cabra, vaca, ovelha e monika, porém, nesta cena, estão expostos às intempéries do espaço externo da janela de minha casa e, desde agosto de 2019, tomam sol, chuva e vento, o que fez com que cada copo se transformasse em um pequeno universo particular, com formações leitosas, fúngicas e aquosas onde muitos microorganismos passaram a coabitar. Quatro minimundos feitos a partir do leite de quatro fêmeas distintas e de sua interação com os elementos extra-lácteos.

A subida do leite porém a descida do leite

Apojadura, a descida do leite, é o tempo de preparação dos seios para a saída do primeiro leite de um corpo que recém-pariu. Além de muitas dores por todo o seio, muitas vezes concentrada nos mamilos, a apoiada pode durar de cinco dias e acabar engrenando até o vigésimo primeiro dia de pós-parto. É um processo difícil que compreende supostamente um sacrifício, um gesto sacrificial, uma dor lacerante e quase insuportável

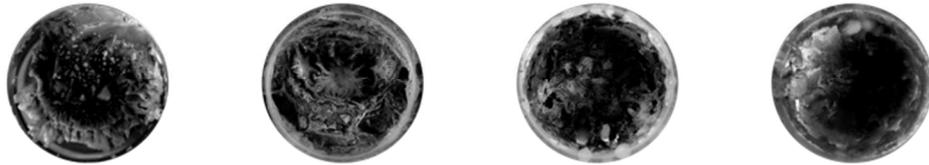
que, com o tempo, torna-se prazerosa e mais fluida. Porém a dimensão sacrificial desse gesto ganhou outra densidade quando, em 2019, durante o ciclo de palestras Selvagem, promovido por Anna Dantes no Jardim Botânico, no Teatro do Jardim, Cristiane Takuá, professora, filósofa, cantadora e rezadeira Maxakali, durante sua fala fez uma analogia do enfrentamento das crises com o processo de amamentação. Mas ao contrário da noção de sacrifício, da menção de uma dimensão sacrificial que estaria no seio da amamentação, Cristiane disse que é preciso não desistir e ir adiante “como quando o bebê nasce e a gente dá de mamar, a gente dá de mamar e no início dói, dói muito, e nessa hora é importante e preciso ter coragem, amamentar é um gesto de coragem, se você tiver coragem, você consegue”.

Nunca tinha me ocorrido que coragem estaria, ali, na medida exata para combater o sacrifício que herdamos das religiões abraâmicas, afinal, como mencionado anteriormente, o seio da mulher que amamenta é, de fato, perigoso: é um dispositivo contrapatriarcal por excelência: improdutivo e contraproducente do ponto de vista produtivista, produtor da maior substância viva que o capitalismo precisa extirpar e nunca conseguiu copiar. Amamentar não é sacrifício e não é sagrado, amamentar é um gesto de coragem para com a vida.

A descida do leite é também popularmente conhecida, no Brasil, como lua de leite: momento em que parturiente e neonato levam para se conhecer e fortalecer seus laços. “É neste contato pele a pele, entre mãe e bebê, na primeira hora pós-parto, que acontece o maior estímulo à amamentação. Esse contato ainda ajuda a manter o bebê aquecido, regulando a frequência cardíaca e a respiração”.²³ Em uma alusão à lua de mel, a lua de leite promove vínculos afetivos mais sólidos e importantes para o desenvolvimento socioafetivo da bebê, além de o contato pele a pele na primeira hora de vida, que é importante para aumentar a duração do aleitamento e reduzir a mortalidade neonatal.

Durante o experimento do timelapse o leite fermentando no copo foi dando lugar a imagens de luas com crateras fúngicas e gordurosas, cada vez mais parecidas com a forma desta satélite que nos ecoa nos corpos d’água. Percebi que de fato haviam se formado quatro luas em texturas e formas diferentes, mas todas se assemelhavam a uma lua, cada uma a seu modo, eram luas de leite:

²³ Maíra Domingues Bernardes Silva, enfermeira pediátrica do Banco de Leite Humano do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)



Luas de leite [cabra, vaca, ovelha, monika], 2019

Em uma brincadeira com as imagens, transformei o tamanho de cada uma dessas luas, para torná-las proporcionais ao fluxo de capacidade de produção diária de leite de cada uma dessas fêmeas lactantes 3,5 litros, 7,5 litros, 20 litros e 1,5 litros, proporcionalmente. Sobre elas apliquei uma camada de cor chamada *Cosmic Latte* [CMYK 0, 2,7, 9,6, 0], que vem a ser o nome dado à cor média do universo, da Via Láctea, observada por uma equipe de astrônomos da Universidade Johns Hopkins em 2001.



Galáctea [cabra, vaca, ovelha, monika], 2019.

Descida do leite, no entanto, é uma expressão latino-americana para a apoiadura. Na Europa, em especial na França, ela é conhecida como “subida do leite”. O que isso tem a dizer sobre a experiência do corpo no ocidente extremo e no ocidente latinizado e indígena do qual nós estamos mais próximas?

Leite, língua materna

Leite é o produto de uma troca informacional entre a saliva de alguém e as glândulas mamárias de outro alguém. Seu veículo são língua e mamilo. Leite é um líquido fisiológico secretado da mama de alguém dentro da boca de outro alguém que, em geral, acaba de nascer. Estes alguéms são mamíferos. Leite é coisa mamífera. Ao contrário do que querem crer os dicionários ou mesmo o imaginário da maior parte dos humanos, o leite não é apenas produzido por fêmeas. Corpos designados como masculinos ao nascer também podem vir a produzir leite em determinadas circunstâncias. Mulheres que não passaram pelo processo de gravidez e não estão lactando também podem secretar leite espontaneamente. A esses fenômenos dá-se o nome de Galactorreia e sua causa mais comum é quando um tumor secreta prolactina (hormônio responsável pela produção de leite) na glândula pituitária, a hipófise, que controla todas as glândulas secretoras dos corpos. Ou seja, o leite pode ser produzido por corpos de homens cis e trans, de mulheres cis e trans ou mesmo interssexo. Pouco importa: corpos humanos em geral são plenamente capazes de produzir leite, no entanto ele só cumpre sua função nutricional e só chega à plenitude de sua substância, só alcança seu caráter mágico no diálogo e na interação com o corpo de um bebê. Hoje já existem experiências bem sucedidas de mulheres trans que conseguiram amamentar exclusivamente seus bebês por um determinado período de tempo tendo passado por processos de estímulos químicos (administração de medicamentos e hormônios responsáveis pela lactância) e físicos (utilização de bombas de sucção e ordenha humana). Há ainda o curioso fenômeno chamado Galactorreia neonatal, que é quando o recém-nascido, seja menino ou menina, nasce com os mamilos inchados e secretando leite mais comumente ou popularmente conhecido como Leite da Bruxa. Isso se deve aos altos níveis de prolactina da gestante que são, por vezes, passados para o bebê ainda no ventre e tende a cessar nos primeiros meses de vida do infante. O leite da bruxa leva esse simpaticíssimo nome pois em algumas mitologias medievais a secreção leitosa saída dos mamilos dos recém-nascidos era alimento dos espíritos familiares das bruxas.

O leite produzido nesse encontro entre lactante (quem secreta) e lactente (quem absorve) é um composto complexo, um combinado de água, gorduras, açúcares, proteínas e sais minerais e cuja composição inexata é ajustada sob medida, sob demanda do lactente, da boca de quem mama, ou seja, leite é comunicação. Conforme esse rebento cresce e se desenvolve essas glândulas mamárias produzem nutrientes sob medida. O

colostro, por exemplo, é o primeiro leite, um fluido produzido especialmente para as primeiras horas de vida do bebê, as *golden hours*, desde quando ele estava dentro do corpo que o nutriria.²⁴ Conforme infante vai amadurecendo, o leite também vai. E é nesse balanço da vida que o leite, vivo por excelência, vai se transformando composicionalmente. Há épocas em que os filhotes demandam mais uma ou outra substância, as glândulas mamárias as ajustam e as enviam sob medida, uma comunicação perfeitamente calibrada falada nos códigos mágicos dessa língua láctea. As demandas nutricionais também são específicas ao sexo do filhote. Estudos feitos com macacas, vacas e mulheres comprovam que a composição do leite é diferente quando se trata de um bebê menino ou de uma bebê menina,²⁵ o que significa que há também demandas sexo específicas para formar plenamente um corpo com designação biológica masculina ou feminina.

Por exemplo, quando o bebê está doente ele manda informações via saliva para o mamilo da mãe que, por conseguinte, os envia às glândulas mamárias para que estas produzam os anticorpos específicos necessários para este filhote. Ou seja, apesar de não parecer, o lactente não atua de maneira passiva nesse processo de comunicação láctea, muito pelo contrário, a atividade e a demanda comunicacional são iniciadas pelo filhote. O lactente não é receptor absoluto dessa língua nem a lactante sua doadora/produzora absoluta, ou seja, pensar o aleitamento como transmissão de mãe para filha, em uma relação hierárquica, de herança, de cima para baixo, não condiz com a realidade do processo comunicacional lácteo no qual receptor e doador trocam sistematicamente de posição. O leite é um produto desse encontro e não simplesmente algo transmitido de nutriz a nutrente. No final das contas o nutrente atua como agente ativo tanto ou mais do que a nutriz. Quando a mulher amamenta o seu bebê ela já está se comunicando com ele.²⁶ E o bebê que está sendo amamentado está estabelecendo a comunicação com a sua mãe,

²⁴ O leite da genitora difere, em quantidade e dosagem dos seus componentes, conforme os dias de vida do neonato. O leite materno passa pelas fases do primeiro leite, chamado de colostro, o leite de transição e, posteriormente, o leite maduro. Todos são importantes e encontram-se na medida e essência exatas para sustentar a criança. O colostro é o primeiro leite com o qual o recém-nascido (RN) tem contato, quando realiza a sucção nas mamas da nutriz. É um líquido amarelado, viscoso, que se encontra nos alvéolos das mamas desde o último trimestre da gestação, até os primeiros dias do pós-parto [...] O colostro é a primeira fase do leite materno. Em seguida, apresenta-se o leite de transição e, posteriormente, o leite maduro. Ele é muito relevante, pois inicia a formulação do sistema imunológico e confere fatores de crescimento e de proteção para os recém-nascidos. Trata-se, então, da fonte de imunidade passiva alcançada pela mãe e transferida para o bebê. SANTOS, Rayra Pereira Buriti et al. IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO PARA A SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO: PERCEPÇÃO DAS PUÉRPERAS.

²⁵ GALANTE, Laura et al. Sex-Specific Human Milk Composition.

²⁶ SUDO, Aline. Em entrevista para Chris Nickals. Fonoaudióloga: Amamentação e a evolução da fala. 2014.

mas também está desenvolvendo todas as suas estruturas orgânicas, físicas, para se preparar para ser um bom falador.

Durante os 30 meses em que amamentei minha filha fui transformada em um ser sensível a tudo o que envolve a economia do leite. Amamentar, além de me causar pavor e de despertar minhas fragilidades mais arcaicas, me causava uma certa angústia enquanto estava grávida. E, logo de seu nascimento, dar o peito foi mais do que dar de mim mesma, ou um *Dar de si*,²⁷ como diz a performance de Roberta Barros; dar o peito foi, por um lado, experimentar a relação mais profunda de prazer, plenitude e superpoder. Por outro lado, foi ver meu corpo, ou melhor, meu peito, como objeto público e passível de controle do corpo social. Um peito à mostra, erotizado, mas não muito pois enquanto peito sagrado, que cumpre sua função nutricional, é preciso apenas contê-lo e controlá-lo. Aleitar, em 2020, deveria ser um direito, mas estamos ainda falando de um privilégio. E no estado de exceção em que vivemos essa operação perversa de transformar – o que deveriam ser – direitos em privilégios não é incomum. E privilégios, como sabemos, são comumente herdados, uma herança traçada na cor da pele ou na sua marcação geográfica e social. De classe, talvez. Falar de amamentação é, antes de mais nada, falar de privilégios. Para uma mulher poder amamentar em livre demanda e “cumprir” os requisitos da Organização Mundial de Saúde²⁸ ela precisa de tempo, de rede de apoio, de informação. Mas antes de mais nada ela precisa ser respeitada em seu desejo: o de amamentar e o de escolher não amamentar. Pude escolher amamentar e seguir à risca a cartilha da OMS: Dora se alimentou apenas de leite materno até os seis meses de idade, mamou em livre demanda até os dois anos e, com dois e meio, parou de mamar. Porque eu não quis mais. Foi um desmame ruim, malfeito, totalmente diferente do desmame natural que eu havia imaginado, mas foi o desmame possível. E eu estava exausta.

Segundo os indicadores de aleitamento materno, quanto mais rico é o país menor a chance de o bebê mamar exclusivamente no peito. E isso está diretamente ligado à

²⁷ Dar de si, performance de Roberta Barros onde a artista e pesquisadora ordenhou leite de seus seios em copos e os distribuiu aos presentes no Galpão do PPGAV. Declaradamente inspirada na temática de Mary Kelle, pioneira do feminismo na arte conceitual, Roberta Barros performou Dar de si em 2011 discutindo o aprisionamento cultural da mulher ao seu corpo materno. Cf Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira.

²⁸ As recomendações da Organização Mundial de Saúde relativas à amamentação são as seguintes: As crianças devem fazer aleitamento materno exclusivo até aos 6 meses de idade. Ou seja, até essa idade, o bebê deve tomar apenas leite materno e não deve dar-se nenhum outro alimento complementar ou bebida. A partir dos 6 meses de idade todas as crianças devem receber alimentos complementares e manter o aleitamento materno. As crianças devem continuar a ser amamentadas, pelo menos, até completarem os 2 anos de idade. Fonte: <http://www.leitematerno.org/>

transformação do aleitamento em algo inferior, coisa de pobre, menor, menos importante ou assujeitante para uma mulher moderna e que precisa se portar tal qual um homem no que chamam de mercado de trabalho, uma vez que os leites artificiais estão disponíveis nas prateleiras de qualquer farmácia e de qualquer supermercado. Como tudo o que envolve o trabalho reprodutivo (cozinhar, cuidar, alimentar, limpar), a amamentação – contraproducente por excelência – se tornou mais um elemento na demarcação da divisão das classes sociais, como mostra estatística divulgada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em agosto de 2019: Apenas quatro em cada dez bebês no mundo são alimentados exclusivamente com o leite materno nos primeiros seis meses de vida, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). [...] De acordo com a agência da ONU, as nações ricas registram as menores taxas de amamentação exclusiva para o início da vida. Nos países de renda média e alta, 23,9% das crianças são alimentadas somente com o leite da mãe em seu primeiro semestre após o nascimento. O índice representa uma queda na comparação com 2012, quando a taxa chegava a 28,7%. [...] No Brasil, o índice foi estimado em 38,6%, de acordo com a UNICEF e a OMS. Nos países menos desenvolvidos, o índice de amamentação exclusiva no primeiro semestre de vida está acima da média global de cerca de 40%, alcançando os 50,8%. As maiores taxas foram encontradas em Ruanda (86,9%), Burundi (82,3%), Sri Lanka (82%), Ilhas Salomão (76,2%) e Vanuatu (72,6%). Pesquisas coletadas pela UNICEF também mostram que bebês em áreas rurais têm mais probabilidade do que os nascidos em zonas urbanas de ter uma dieta composta exclusivamente por leite materno no início da vida.²⁹ O que isso diz sobre o modo de vida moderno?

Amamentar não é nem para quem quer, nem para quem pode: é um combinado complexo desses dois fatores onde poder significa ter as permissões, as licenças, as condições, e querer quer dizer mais de uma afirmação de um corpo, de como ele se coloca disponível ao desejo, de como ele se contorna. Escolher poder amamentar – ou não – é um privilégio. E os privilégios que me foram concedidos para poder escolher amamentar não me livraram das experiências de violência que jamais imaginaria sofrer apenas por ser uma mulher que amamenta. Por que o seio de uma mulher é uma ameaça à humanidade? Deve ser porque ele é mágico, a fonte dessa coisa bruta e enigmática chamada leite. Dar de mamar é muito mais de um chamado ao essencial das coisas, é

²⁹ ONU. **UNICEF**: apenas 40% das crianças no mundo recebem amamentação exclusiva no início da vida. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef-apenas-40-das-criancas-no-mundo-recebem-amamentacao-exclusiva-no-inicio-da-vida/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

muito menos tudo aquilo que nos contam sobre amamentar: é um transbordamento sem borda, seguido de um esvaziamento literal. É encher a boca de alguém e, com isso, participar ativamente da construção de uma vida com o sêrum único e inimitável que é o leite materno. É sabido que a amamentação promove o desenvolvimento saudável do cérebro em bebês e de crianças pequenas, protege as crianças contra infecções e diminui o risco de obesidade e de outras doenças. A prática também reduz custos de assistência médica no futuro e protege as mães lactantes contra o câncer de ovário e de mama.³⁰ Para Henrietta Fore, diretora-executiva da UNICEF, “Apesar dos benefícios da amamentação, os locais de trabalho em todo o mundo estão negando um apoio muito necessário às mães. Precisamos investir muito mais em licença parental remunerada e em apoio à amamentação em todos os locais de trabalho para aumentar as taxas de amamentação globalmente”.³¹ Até 2025, a Organização Mundial da Saúde quer garantir que pelo menos metade de todas as crianças no mundo sejam alimentadas exclusivamente com leite materno durante os seus seis primeiros meses de vida.

Contudo, ao que parece, como tudo o que concerne ao trabalho reprodutivo, as tetas de uma mulher que amamenta são uma ameaça à economia mundial. Ao longo da amamentação observei toda uma cadeia de produção em que o imaginário do leite era responsável por outra rede cuja finalidade acabava por sacrificar e instrumentalizar os corpos de outras fêmeas: o aleitamento humano³² em escala industrial e não-humana, a presença de leites de outras mamíferas em grande parte dos produtos industrializados, a substituição do leite de vaca por leites de cabra e de ovelha para minimizar os efeitos maléficos e inflamatórios do leite de vaca em alguns corpos humanos, como alergias às proteínas do leite [APLV] e intolerância ao seu açúcar, a lactose, o hiperprocessamento da matéria leite em quase tudo o que é comestível, etc. Se por um lado falamos de trabalho reprodutivo como aquele trabalho invisibilizado³³ e realizado por uma rede de mulheres que se ocupa de parir e de criar crianças, um trabalho que justamente não é marcado pela produtividade, um trabalho estéril do ponto de vista produtivista, ou seja, uma atividade essencialmente contrapatriarcal e anticapitalista, que não gera lucro nem produto embora

³⁰ ONU. **UNICEF**: apenas 40% das crianças no mundo recebem amamentação exclusiva no início da vida. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef- apenas-40-das-criancas-no-mundo-recebem-amamentacao-exclusiva-no-inicio-da-vida/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

³¹ ONU. **UNICEF**: apenas 40% das crianças no mundo recebem amamentação exclusiva no início da vida. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef- apenas-40-das-criancas-no-mundo-recebem-amamentacao-exclusiva-no-inicio-da-vida/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

³² Por aleitamento humano quero dizer a nutrição de adultos humanos por meio da extração de leite animal.

³³ Invisibilizado pois tornado invisível e não invisível como característica “nata”.

tenha servido de cama para o patriarcado dormir, se nutrir e crescer é, aqui, justo o contrário o que acontece do ponto de vista das outras mamíferas: hordas de fêmeas vivendo em condições insalubres para alimentar uma sociedade que ainda se vê dependente desse leite de um modo bastante irracional, pois sabe-se lá porque cargas d'água justo essa substância, o leite, se tornou ingrediente quase onipresente na indústria alimentícia. O processo de industrialização ainda não se libertou do imaginário do leite. Por quê? Talvez uma das respostas possíveis esteja no céu do ocidental.



Baía cósmica, 2019: Mas da Baía de Guanabara transformada em leite [cosmic latte] assombrada pelas luas de leite na proporção das extrações diárias de cada uma dessas fêmeas: ovelha, cabra, vaca e monika respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, G. B. As constelações indígenas brasileiras. Observatórios Virtuais. Programas Educacionais Telescópios nas Estrelas. [20--?] Disponível em: <<http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

AGOSTINHO, Pedro. Mitos e outras narrativas Kamayura. 2. ed. Salvador: UFBA, 2009. 210 p.

ALMEIDA, J. A. G. A rede sociobiológica desenhada pelo leite humano. In: Amamentação: Um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, cap. 3, p. 55-

BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Editora 34, 2011. 73 p. Organização, apresentação e notas de Jeanne-Marie Gagnebin; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves

DE WAAL, Frans. 2016. Are We Smart Enough to Know How Smart Animals Are? London: Norton.

DI LEONE, Luciana. A poesia latino-americana: por uma poética do corpo grávido e da língua láctea. In: Poesia contemporânea: reconfigurações do sensível / org. Gustavo Silveira Ribeiro, Tiago Guilherme Pinheiro, Eduardo Horta Nassif Veras. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Associadas. 2018.

FERRIS, Timothy. O despertar da Via-Láctea: uma história da astronomia 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 377 p.

FONTANELI, R. S. Fatores que afetam a composição e as características físico-químicas do leite, 2001. 25 f. Seminário (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em Ciências Veterinárias. Faculdade de Medicina Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2001.

GALANTE, Laura et al. Sex-Specific Human Milk Composition: The Role of Infant Sex in Determining Early Life Nutrition. Nutrients, Basel, v. 10, n. 9, p.1-11, 1 set. 2018. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2072-6643/10/9/1194/htm>>.

GREGERSEN, Erik (editor) (2010). The Milky Way and beyond. Stars, nebulae and other galaxies. Nova Iorque: Britannica Educational Publishing. 219 páginas. ISBN 161-530-053-8

ONU. UNICEF: apenas 40% das crianças no mundo recebem amamentação exclusiva no início da vida. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef-apenas-40-das-criancas-no-mundo-recebem-amamentacao-exclusiva-no-inicio-da-vida/>>.

PRECIADO, Beatriz. O feminismo não é um humanismo. 2014. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapo p,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>>.

SANTOS, Rayra Pereira Buriti et al. IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO PARA A SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO: PERCEPÇÃO DAS PUÉRPERAS. Revista de Enfermagem Ufpe, Recife, v. 9, n. 11, p.3516-3522, set. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/234481/27672>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

SANTOS, Rayra Pereira Buriti et al. IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO PARA A SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO: PERCEPÇÃO DAS PUÉRPERAS. Revista de Enfermagem Ufpe, Recife, v. 9, n. 11, p.3516-3522, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/234481/27672>.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos



Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/145663/139603/>.

SUDO, Aline. Em entrevista para Chris Nickals. Fonoaudióloga: Amamentação e a evolução da fala. 2014. Disponível em: <https://www.amamentareh.com.br/fonoaudiologa/>. Acesso em: 4 dez. 2019

WITTENBERG, William John. Myths and Fancies of the Milky Way. Journal Of The Royal Astronomical Society Of Canada. Toronto, p. 235-247. set. 1908. Disponível em: <<https://ui.adsabs.harvard.edu/abs/1908JRASC...2..235W/abstract>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

ZUCKER, Arnaud. L'encyclopédie du ciel: Mythologie, astronomie, astrologie. Paris: Éditions Robert Laffont, 2016. 1216 p.